

Apresentação

Muito já se falou do papel da língua inglesa na disseminação do conhecimento científico. Paradoxalmente, grande parte dos trabalhos produzidos em países anglófonos não está disponível em acesso livre. Por outro lado, como autores de diferentes países escrevem nessa língua para divulgarem seus trabalhos, cresce o número de plataformas em outros espaços que disponibilizam textos nessa língua gratuitamente, o que tem um efeito positivo sobre essa disseminação. A tradução, porém, vai além, pois ultrapassa os limites de uma única língua, permitindo uma maior democratização do conhecimento científico. Os artigos apresentados neste número da Cadernos são exemplo dessa dinâmica: selecionados em plataformas de acesso livre, e escritos originalmente em língua inglesa por autores de diferentes nacionalidades, foram traduzidos para o português por estagiários e estagiárias do curso de Letras-Bacharelado da UFRGS. Os textos abordam questões de ordem prática e teórica debatidas nos Estudos da Tradução (ET) e desvelam seu caráter interdisciplinar.

No primeiro desses artigos, *Uma “virada performativa” nos estudos da tradução? Reflexões em uma perspectiva sociológica*, Michaela Wolf, da Universidade de Graz, Áustria, explora o potencial epistemológico do conceito de performance na tradução, vista aqui como uma ocorrência social em que o tradutor é um cosujeito. Reconhecendo que, pela contínua exposição a diferentes contextos e situações comunicativas, a disciplina dos Estudos da Tradução tende a alinhar-se com as chamadas viradas, a autora questiona se uma virada performativa seria capaz de abrigar um conceito de tradução que atenda aos requisitos políticos e sociais dessa prática.

Angela Tiziana Tarantini, da Universidade de Monash, na Austrália, é a autora do artigo *A tradução teatral: uma abordagem psicolinguística*. Conceitos já consolidados na disciplina, como é o caso de domesticação e estrangeirização, são por ela problematizados. Com base em estudos da Psicolinguística e da Psicologia Cognitiva, a autora sugere o uso da domesticação na tradução para teatro sobretudo pela natureza auditiva de sua recepção, uma vez que o uso de estratégias estrangeirizantes poderia afetar negativamente a reação do público.

Passando do teatro para o balé, em *Sapatilhas de ponta, política e significados: uma releitura das bailarinas como traduções corporificadas de nacionalismos inspirados na modernidade*,

Katherine Mazurok, da Queen's University, em Kingston, Canadá, lembra-nos que a tradução não se realiza somente por meio de palavras. Assim, apoiada em análise de traduções de Lefevere, defende que o balé clássico é uma forma de tradução cultural — e intersemiótica — que se manifesta como reescrita de forças discursivas externas nos corpos dos bailarinos. Com o passar do tempo e a mudança nas culturas, tal qual um texto escrito, novas produções de balé são avaliadas por coreógrafos e dançarinos, sendo então reescritas.

No artigo *Desafios na formação profissional de mediadores linguísticos e interculturais: a tradução da comunicação turística Transcultural*, Mirella Agorni, da Universidade Ca' Foscari de Veneza, Itália, propõe um diálogo entre os Estudos da Tradução e os Estudos Turísticos. Ela questiona a falta de programas interdisciplinares na área de turismo que incluam cursos especializados em tradução, visto seu papel crucial nas interações turísticas, assim como cursos de tradução turística em cursos de formação de tradutores. Ainda que por vezes a autora traga ideias já ultrapassadas sobre a tradução prática e teórica, como dizer que nos ET conceitos limitados de transposições de sentido ainda são a norma, sua proposta vale a reflexão.

Apoiada no crescente interesse acadêmico pela localização, Carme Mangiron, da Universidade Autônoma de Barcelona, em seu artigo *Game on! Questões urgentes na localização de jogos*, discorre sobre a necessidade de se pensar o lugar da localização de jogos nos ET, a relação dessa atividade e a tradução audiovisual (TAV), acessibilidade em jogos, Estudos da Recepção, qualidade de tradução, tradução colaborativa, tecnologia e formação de tradutores.

Michał Borodo, da universidade polonesa de Kazimierz Wielki, em seu artigo *Explorando os caminhos entre a tradução de histórias em quadrinhos e a tradução audiovisual*, analisa a tradução de algumas tirinhas do carismático personagem Calvin, criado pelo cartunista estadunidense Bill Watterson, para propor a criação de pontes interdisciplinares entre a tradução de histórias em quadrinhos e a TAV com foco no estudo de legendas.

Em “*Se você fez um bom trabalho, é como se você nunca tivesse existido*”: sobre tradutores e tradução em projetos de desenvolvimento no Sahel, Emma Heywood, da Universidade de Sheffield, e Sue-Ann Harding, da Queen's University, em Belfast, analisam os processos envolvidos na atividade tradutória, tendo por base dados empíricos que incluem entrevistas

com tradutores da região do Sahel, na África, que traduzem das línguas fula, tamasheq e zarma-songhai para o francês. O trabalho está inserido em um projeto maior que avalia o impacto do rádio nos direitos e empoderamento feminino no Níger, Mali e Burkina Faso. As autoras têm por objetivo a conscientização do papel vital da tradução em projetos que visam o desenvolvimento intercultural.

Os dois últimos artigos são de pesquisadoras da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, que questionam a escassez de trabalhos acadêmicos sobre tradução intralingual, um dos tipos apresentados por Jakobson, e propõem uma definição mais criteriosa para essa tradução. No primeiro desses artigos, *Tradução intralingual: uma tentativa de descrição*, Karen Korning Zethsen apresenta análise com diferenças e semelhanças entre tradução intralingual e interlingual. No segundo, *O lugar da tradução intralingual nos Estudos da Tradução: uma discussão teórica*, Karen Korning Zethsen e Aage Hill-Madsen lamentam que tanto a tradução intralingual como a intersemiótica tenham um *status* marginal nos ET e defendem sua inclusão em uma versão modificada da definição de tradução apresentada por Toury em 1995.

Boa leitura!

Márcia Moura da Silva